

GÓRGIAS E A RETORICIDADE: ONIPRESENÇA E ONIPOTÊNCIA DA CAPACIDADE RETÓRICA

Maicon Reus Engler
PPGFIL - UFSC

Resumo: Este artigo apresenta algumas considerações gorgianas sobre a retórica a fim de contrabalançar a visão da retórica clássica exposta por John Bender e David Wellbery, no interior de suas cinco teses históricas sobre o ressurgimento contemporâneo dessa arte e seu enfraquecimento na Modernidade. Depois de breve introdução ao tema (I), explico as teses de tais autores, seu conceito de retoricidade e sua concepção da retórica clássica (II). Analiso então aspectos da retórica grega (III) e três teses de Górgias que contrabalançam a concepção dos autores: a) a indeterminação genérica da retórica, b) a instanciação do discurso sobre a verdade/conhecimento e c) a sua aplicação a contextos não-técnicos e desinstitucionalizados (IV). Minha conclusão é de que Górgias está muito mais próximo de uma situação de “retoricidade” do que julgam tais autores.

Palavras-chave: Retórica, Retoricidade, John Bender e David Wellbery, Górgias.

Abstract: This article exposes some Gorgianic remarks on rhetoric in order to counterbalance the view of rhetoric presented by John Bender and David Wellbery in their five historical theses on the contemporary revival of this art and its weakening in Modernity. After a brief introduction to the subject (I), I explain the theses of the authors, the concept of rhetoricality and their conception of classical rhetoric (II). Then I analyze some aspects of Greek rhetoric (III) and three theses of Gorgias that counterbalance the authors' conception: a) the generic indeterminacy of rhetoric, b) the instantiation of speech over truth/knowledge, c) and its application in nontechnical and non-institutionalized contexts (IV). My conclusion is that Gorgias is much closer to a situation of “rhetoricality” than the authors presume.

Keywords: Rhetoric, Rhetoricality, John Bender and David Wellbery, Gorgias.

Sócrates. Oh! Pelo jeito Tísias desencavou uma arte espantosa, ele ou qualquer outro, de nome assim ou assado (*Fedro*, 273c7-9).

1 - Introdução

Talvez nenhuma outra espécie de estudo/técnica tenha tido percurso histórico tão duradouro e *aparentemente* tão acabado quanto a retórica. Assim como a silogística, ela sobrenada inúmeras modificações intelectuais de grande envergadura e dá à luz uma forma de educação e um currículo que sobrevivem desde a Grécia antiga até o século XIX, embora com inequívocos sinais de cansaço e decadência (BARTHES, 2001, p.8; COLE, 1986, p. 7). Não há dúvidas de que ao longo dessa história ocorreram períodos de reformulações profundamente significativas, a começar pelas etapas encenadas pelos seus próprios criadores, os gregos. Contudo, pode-se perceber a permanência de um vago perfil que perpassa a história romana – tendo como marcos Cícero, Dionísio de Halicarnasso e Quintiliano –, chega à Idade Média no interior do sistema universitário do *Trivium* e, sob a forma enfraquecida de estudo da linguagem artística e do estilo, alcança a modernidade mais tardia. É esse vago perfil que permite a Jaeger a afirmação um tanto romântica – porém com um fundo de verdade – de que os sofistas, por terem sido os primeiros a ensinar tal arte, são os criadores da educação liberal moderna (JAEGER, 2003, p. 368). De fato, a retórica só parece vir a fenecer em virtude de alguns fatores peculiares aos séculos XVIII e XIX, não obstante a descrição de sua morte seja assunto controverso e varie ligeiramente conforme cada estudioso, havendo até quem defenda que ela só desapareceu quando foi absorvida pela linguística do século passado (BARTHES, 2001, p. 44, n. 16). O que não se pode negar, todavia, é o fato de haver certa conjuntura moderna que a relegou para um plano secundário e tornou impossível a sua existência plena.

Num artigo que acompanha o prolífico debate sobre a retórica ocorrido ao longo da década de noventa (JACOB, 1996, p. 237), intitulado “Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica”, David Wellbery e John Bender aventaram cinco teses históricas que visavam explicar o olvido ou enfraquecimento da retórica durante a Modernidade. Segundo os autores, tais condições teriam sido suplantadas no último século para dar lugar a um ressurgimento vigoroso e modificado dessa arte. Ele seria modificado porque

agora a retórica já não se apresentaria como aquela disciplina canonizada e específica que fora desde a antiga Grécia, senão que, enquanto “retoricidade”, assumiria o papel de condição fundamental da experiência humana, fazendo-se presente nos mais variados âmbitos imagináveis¹. Diferentemente de sua contraparte clássica, o conceito de retoricidade proposto pelos autores deve ser visto como a tentativa de fundamentar a condição retórica como um *a priori* do pensamento humano, que alerta para o caráter essencialmente discursivo de que este se reveste. No nível ontológico profundo – conservado também na “virada linguística” da filosofia – tal conceito retoma a “tese sofística” de que o ser (*éînai*) é um efeito do dizer (*légein*), isto é, de que a nossa compreensão de mundo é profundamente afetada pela linguagem que a expressa, isso se alguma vez chega a ser algo mais do que um de seus múltiplos subprodutos.

Baseando-me na interpretação histórica de tais autores, apresentarei na seção seguinte (II) cada uma dessas condições de impossibilidade da retórica e por que elas deixaram de atuar do século passado em diante. Deixarei de lado algumas de suas análises e acrescentarei outras informações que considerar oportunas. O meu objetivo consiste em mostrar que a retórica renasceu como retoricidade porque, tendo perdido o seu estatuto de técnica fechada e monolítica, deixou o espaço específico onde atuava e novamente se infiltrou nos mais variados âmbitos da vida humana. Bender-Wellbery acreditam que isso seja algo próprio da nossa época, uma hipernovidade histórica, por assim dizer, que jamais aconteceu anteriormente. Penso que a sua crença, porém, deriva do fato de sustentarem perspectiva distorcida da retórica grega, vendo-a como algo pronto e acabado e ignorando a sua nebulosa natureza inicial, que se manifestou pela primeira vez no seio duma conjuntura histórica tão propícia à retoricidade quanto a nossa. Destarte, farei em seguida panorâmico estudo da retórica grega (III) e da obra e da atuação de Górgias de Leontinos (IV) para evidenciar como a sua postura, ao contrário do que Bender-Wellbery apregoam, aproxima-se muito mais da retoricidade do que da retórica no sentido clássico. Explico três teses desse orador que corroboram meu argumento: a) a indeterminação genérica da retórica, que

¹ “O retorno contemporâneo da retórica pressupõe, através da sua própria estrutura enquanto retorno, um fim da retórica, uma descontinuidade dentro da tradição e uma alteração que transforma a segunda versão da retórica, sua redação modernista-pós-modernista, uma nova prática cultural e modo de análise” (BENDER-WELLBERY, 1998, p.12).

faz dessa capacidade humana (*d namis*) algo universal e refratário a qualquer encarceramento disciplinar; b) a instanciação do discurso sobre o conhecimento e a verdade, posição inovadora e radical de Górgias que assinala o aspecto eminentemente formal dessa arte (*rhetorica docens*); c) e sua aplicação a contextos não-técnicos e desinstitucionalizados do cotidiano, simultaneamente uma decorrência e um coroamento das duas teses anteriores.

Acredito que “a retórica grega” – se se pode usar tal designação e tratá-la de modo global, sem atentar para as singularidades de cada um de seus expoentes – só há de se transformar numa técnica específica e restrita quando o forte racionalismo de Platão e de Aristóteles (principalmente) despontar no horizonte. Ambos os filósofos mantêm resquícios da postura “holística” que combatem, como é possível perceber a partir da leitura do *Fedro* e da *Retórica*. Entretanto, escudados pela divisão das artes/ciências e pela distinção dos vários tipos de discursos, eles preparam o encarceramento institucional da retórica, que depois de Aristóteles só poderá acontecer num local determinado e com uma racionalidade mais fraca e imperfeita, por assim dizer, do que aquela do ideal científico-filosófico (HASKINS, 2004, p. 1; GARVER, 1986, p. 2; 6-7). Neste artigo, falarei apenas do momento anterior a tal acontecimento, quando a retórica ainda era algo assistematicamente livre e penetrava diversas práticas intelectuais dos antigos gregos, não possuindo um campo de atuação determinado ou uma racionalidade oficial. É o momento em que Górgias assoma com toda a exuberante novidade de seu estilo e com algumas reflexões teóricas sobre o poder do *lógos*, reflexões essas que, por seu próprio teor, ainda não nos permitem falar de uma “doutrina retórica”.

2 - Retórica e retoricidade: as cinco teses históricas de Bender-Wellbery

De acordo com Bender-Wellbery, a primeira das condições que impossibilitaram a existência plena da retórica na Modernidade se encontra no racionalismo de índole cartesiana, o qual, migrando para ciência experimental do século XVII e para o Iluminismo, foi responsável pelo estabelecimento de prerrogativas discursivas tais como a transparência, a neutralidade e a objetividade, prerrogativas essas que, diga-se de passagem, coincidem com o ideal burguês de comportamento social (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 28; ARENDT, 1997, p. 291). Dessas prerrogativas brotou uma forma de raciocínio que se propunha a abolir toda a

verossimilhança a fim de se orientar de modo exclusivo pelos fatos, os quais deveriam ser sistematicamente encadeados em proposições com o mesmo grau de certeza e necessidade da matemática, sem que restasse lugar para qualquer desacordo. Por conta disso, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca perceberam tão bem (OLBRECHTS-TYTECA; PERELMAN, 2002, p. 1-2), a criação de uma nova retórica significa a ruptura com a concepção de razão/raciocínio oriunda em última instância de Descartes, e, posso acrescentar, qualquer pensador que se opuser a tal concepção – um sofista, um dialético ou um nietzschiano, por exemplo – naturalmente será inclinado a admitir maior espaço para a argumentação retórica. Embora ainda vigente no interior de algumas tendências filosóficas, esse racionalismo exacerbado já não é a postura dominante na atualidade. Com efeito, já faz algum tempo que várias posturas filosóficas têm minado toda a certeza absoluta e toda a fé na Razão iluminista. Na filosofia, na arte, na política e até mesmo na ciência, que sempre foi o baluarte mais seguro do Iluminismo, introduziram-se pensamentos historicistas (Nietzsche, Foucault, Kuhn) que desvendaram os pressupostos irracionais em que se fundava a racionalidade. Eventos como a descoberta de novas geometrias e novas lógicas também contribuíram para acabar com a pretensão de uma epistemologia fundacionista forte, e a antropologia e a micro-história, por fim, eliminaram o caráter imutável da razão humana, ensejando conclusões aparentemente tão extremas quanto a de Ortega y Gasset, para quem “a ciência é o admirável mito europeu” (GASSET, 2007, p. 51). Esse fenômeno acontece simultaneamente à pesada influência de pensadores seminais que, de uma forma ou de outra, ajudaram a promover “o eclipse da razão”: Nietzsche, Kierkegaard, Marx, Heidegger, Freud etc.

A segunda dessas condições de impossibilidade deriva de causa mais sutil, que se refere às concepções de autoria, de valor individual e de criatividade propugnadas pelo Romantismo. Como se sabe, a concepção moderna de autoria começou a se estabelecer com a afirmação do individualismo no Renascimento, atingindo seu cume nos conceitos de criatividade e de gênio, que foram centrais para que os românticos pudessem se libertar do passado clássico e valorizar a interioridade e subjetividade modernas. Embora cedesse algum terreno para a inventividade de cada orador (*heúresis*, *inventio*), o procedimento rotineiro da retórica consistia na assimilação obediente de escritos e exemplos tradicionais, bem como em certa impessoalidade da criação, a qual se canonizava em padrões de argumentação (*tópoi*, *loci*) que podiam ser aprendidos por todas as pessoas. Ao contrário

disso, o escritor moderno já não dependia da acurada memorização dos clássicos, mas antes das próprias experiências individuais de cuja riqueza extraía os temas e o estro de suas produções. Não é à toa que o *Bildungsroman* seja tão comum nesse período, e a obra de Thomas Mann pode ser vista como a última elegia de tais ideais românticos, pois depois dele, e mesmo junto com ele, já aparecem sinais de que a autoria, a subjetividade fundadora e o indivíduo estão desaparecendo na criação artística literária. Bender-Wellbery citam como sintomas desse fato o anonimato voluntário de Kafka, de Beckett e de Blanchot; a eliminação do sujeito da elocução poética em Mallarmé; a escrita automática dos surrealistas e as composições coletivas dos poetas (renga); a descentralização do sujeito consciente na psicanálise e na filosofia de Heidegger; e, por fim, a emblemática frase de Rimbaud: “Je est un autre” (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 29-30). Esvanecendo-se a autoria e criatividade individual, por conseguinte, chegamos a um ponto em que toda a criação é também citação de algo alheio e impessoal, como ocorria com os argumentos fixos da antiga retórica. Talvez o exemplo mais emblemático de tal condição – exemplo que, não por acaso, é característico da nossa época – se encontre na televisão e no cinema, onde as criações coletivas se multiplicam numa rede de citações e referências recíprocas.

Em terceiro lugar, a retórica foi suplantada pelo modelo de comunicação política liberal que também decorria dos ideais iluministas. De acordo com tal modelo, a política deveria se desenvolver através da comunicação desinteressada de sujeitos racionais e em igual capacidade de participar do processo de deliberação. Banir-se-iam da esfera da *res publica* todos os fatores irracionais, emotivos, caracterológicos ou egoístas, bem como posturas demasiado extremistas que, por exemplo, sacrificassem o ideal da tolerância religiosa. As ideias que Kant expressa no seu texto sobre a *Aufklärung* sinalizam o que Bender-Wellbery têm em mente. De acordo com ele, todos os súditos do glorioso século de Frederico deveriam abandonar sua minoridade intelectual para discutir livremente os mais variados temas e fazer uso seguro de seu entendimento na esfera pública (KANT, 1977, p. 57-8). Os conceitos de posição original (Rawls), de agir comunicativo (Habermas) e de ética do discurso (Apelt) ainda parecem manter algo dessa postura no plano das teorias políticas e morais normativas. Todavia, no mercado capitalista e na arena política concreta predomina a atitude inversa, e eventos como a propaganda, o *marketing* e os *lobbies* mostram como a

retórica retornou com força descomunal. Atualmente, a política empírica das democracias se faz de um caldeirão bélico de poderes e múltiplas influências, no interior do qual fenômenos estéticos e emocionais não raro assumem a preponderância sobre as motivações racionais e normativas. O modelo liberal de comunicação que repudiava os artifícios retóricos, portanto, apenas subsiste como uma norma que deveria ser respeitada ou um nobre ideal a ser alcançado no futuro.

Em quarto lugar, a retórica teria sido sufocada na Modernidade em razão da imprensa e da comunicação escrita, que instituíram para o ouvinte-leitor um modo de recepção estético diverso daquele que a oratória pressupunha. A alfabetização enciclopédica do Iluminismo e a leitura autodidata e solitária, que são os arquétipos da educação setecentista, excluíam por si só todos os miríficos efeitos que um discurso vivo poderia causar, destronando a sensibilidade auditiva e a tradição oral para promover a interioridade e a separação entre fala e escrita. Como Bender-Wellbery colocam: “A retórica afundou num mar de tinta” (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 22)². Na conjuntura histórica atual, no entanto, ocorre um movimento contrário, pois a imprensa escrita e a leitura já não são o modo de comunicação e instrução predominante, tendo de disputar seu *Lebensraum* com a televisão, o rádio e a internet. Há toda uma geração que exemplifica como a alfabetização já não é o único acesso à cultura e à informação, o que faz com que a fala, a imagem, os sons e outros fenômenos retóricos sejam novamente apreciados pelo público, como acontecia na época da antiga retórica.

Por fim, a quinta condição de impossibilidade da retórica se deu em virtude da destituição da língua latina como veículo oficial de comunicação escrita entre as pessoas cultas, o que facilitou o esquecimento dos moldes clássicos, abriu caminho para o florescimento de estilos nacionais e outra vez valorizou as conquistas modernas. Isso ocorreu simultaneamente à fundação do Estado-nação e ao movimento cultural que o expressa e justifica, o Romantismo, ambos os quais enfraqueceram o paradigma internacional e unificado em que se baseava a longa tradição retórica. É verdade que contra essa ideia dos autores se poderia argumentar que o Romantismo, ao

² Um bom exemplo da correção dessas teses pode ser encontrado no texto *Da eloquência*, onde Hume se lamenta de que já não há grandes oradores em seu tempo e de que as pessoas já não têm ouvido nem gosto para a oratória. Hume oferece, porém, outras razões para esse fato (HUME, 1999).

contrário, criou pela primeira vez uma literatura mundial – o *Werther* de Goethe e o romance epistolar de modo geral, pois, foram uma febre europeia –; contudo, para tanto seria necessário admitir que ele o fez tendo por base a idiosincrasia de cada estilo profano e vernáculo. Essa situação parece ter mudado desde o século XX, quando “o quadro da cultura nacional, que tinha deslocado o internacionalismo da retórica, entra em colapso” (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 30). A partir daí o conhecimento de várias línguas torna-se algo relativamente normal e a suspeita lançada contra os inúmeros nacionalismos, bem como o enfraquecimento do Estado-nação, contribui para que se crie uma internacionalização em que tudo pode ser traduzido. Em resumo, a nossa época desfruta de um pluralismo cultural globalizado que beneficia a retórica.

Graças a mudanças tão importantes quanto essas cinco, a retórica pôde agora florescer de novo, ainda que se apresente transmutada. A modificação no seu ressurgimento consiste em que ela já não constitui uma técnica acabada e útil apenas em certo âmbito da existência humana, mas, ao contrário, um fenômeno generalizado que transpassa os mais profundos níveis da nossa experiência. Em certo sentido – e se é possível fazer um juízo como esse – hoje se vive a época mais retórica da história, pois toda a sociedade depende de diversas formas de persuasão que resgatam artifícios dessa antiga arte: desde o emprego da auxese e de recursos estilísticos nas propagandas, até a fabricação midiática de um modo de vida considerado “normal” e desejável, fabricação essa que se realiza primordialmente através de artifícios emocionais e caracterológicos (artistas) ³.

A tradição retórica clássica dilatou o discurso e o fixou numa malha de limitações: ele era um domínio governado por regras, cujos procedimentos próprios eram delimitados por instituições que organizavam a interação e a dominação na sociedade europeia tradicional. A retoricidade, em contraste,

³ Esta também é a visão de Booth. Para ele, se a retórica é definida como “capacidade de gerar persuasão sem oferecer argumentos honestos, mas apenas artifícios ilusórios”, a nossa época é quantitativamente mais retórica do que todos os demais períodos históricos (BOOTH, 1965, p. 8-9). Penso que, se substituída a sua concepção de retórica pelo conceito marxista de ideologia, entendido como uma falsificação deliberada do real, esta tese ganha muito em evidência; pode-se então compreender o lado retórico daquilo que Castoriadis chamou de “instituição imaginária da sociedade”. Perelman argumenta que a retórica epidítica continua presente na política atual por seu papel na formação de valores. O sucesso de tal retórica se comprova pela existência de símbolos (bandeira, v.g) pelos quais os cidadãos se dispõem a morrer (PERELMAN, 1984, p. 132).

não está presa a nenhum conjunto específico de instituições. Ela manifesta o caráter sem fundamento do discurso, que se ramifica infinitamente no mundo moderno. Por essa razão, não permite qualquer metadiscurso explicativo que já não seja ele próprio retórico. A retórica não é assim o título de uma doutrina e uma prática, nem uma forma de memória cultural; torna-se, em vez disso, algo como condição de nossa existência (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 31).

De acordo com Bender-Wellbery, essa mudança evidencia-se particularmente na obra de Nietzsche, que “inaugurou a agenda para a reconceitualização modernista da retórica e abriu aquele campo geral dentro do qual as diversas formas de investigação retórica na cena contemporânea formulam os seus programas individuais” (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 32). Com o perspectivismo, a genealogia da moral e a teoria da vontade de potência, Nietzsche deixa de medir os discursos por padrões objetivos e os encara como expressões epifenomênicas da ânsia de poder presente em várias formas de vida (e.g., senhor, escravo, sacerdote); a própria objetividade não passa então de mais uma estratégia de poder; a retórica se liberta do seu caráter instrumental e se torna um *a priori* que o pensamento jamais pode vencer e controlar, porque ele mesmo é um dos efeitos desse processo (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 32-33) ⁴. De fato, a influência nietzschiana é visível em quase todos os setores das pesquisas acadêmicas contemporâneas; mesmo quem não a adota explicitamente se vê obrigado a partilhar do mesmo “tom” veiculado por ela. Talvez isso ocorra porque a sua obra, mais do que qualquer outra, realiza o matrimônio que tem por rebento a retoricidade: a “virada linguística” da filosofia – um acontecimento “oficial”, por assim dizer, que é adotado por autores tanto da tradição analítica quanto continental – esposa o mais ousado perspectivismo epistemológico e ontológico, sem ao menos se escorar no logicismo, na matemática ou na ciência, como fazem outros autores (Quine, e.g) que tentam minorar os efeitos do relativismo. Por isso Bender-Wellbery podem oferecer vários casos

⁴ Os autores citam o texto *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*, onde Nietzsche desenvolve ampla concepção de “metáfora” que, *inter alia*, assinala o caráter linguístico e imaginativo do conhecimento humano, acabando com a noção de objetividade/literalidade. Contudo, creio que o lugar em que essas teses explicadas acima aparecem de modo mais evidente é no primeiro capítulo de *Além do Bem e do Mal*, onde o valor de verdade dos juízos é analisado com referência ao modo de vida que eles expressam e justificam (NIETZSCHE, 1999).

específicos de como a retoricidade se impregnou nas diversas áreas do saber: na ciência, na linguística, na psicanálise, na comunicação de massa, no pragmatismo e na teoria literária. No discurso científico, por exemplo, a retoricidade se deixa ver a partir dos trabalhos de Kuhn e de Feyrabend e se estende até a epistemologia de Goodman, para quem não existe um mundo que possa ser representado da maneira mais neutra possível, senão “uma série de versões de mundo, elas próprias funções de sistemas representativos ou simbólicos divergentes” (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 34).

Conforme os autores, portanto, o conceito de retoricidade é algo diferente do que outrora se entendia por retórica e partilha com essa disciplina nada mais do que o nome. Essa nova forma da retórica possui categorias marcadamente inéditas. Não é doutrina unificada nem conjunto coerente de práticas discursivas, o que a impede de adquirir a forma estável de um sistema ou de um método de educação; é antes um campo transdisciplinar de preocupação prático-intelectual que, ao contrário da retórica clássica, leva em conta um mar de transações comunicativas invisíveis, como as que ocorrem no âmbito do dia-a-dia ou da psique humana. Nela, figuras da linguagem importantes como a metáfora não são apenas partes de um cânone especializado, mas algo que se imiscui na própria fibra da comunicação humana (BENDER-WELLBERY, 1998, p. 31; 39). Como dito anteriormente, o retorno modernista da retórica – a retoricidade – vem a ser uma condição geral de experiência e ação humanas.

3 - A retórica grega

Parece-me correta a perspectiva de Bender-Wellbery acerca das condições de impossibilidade da retórica na Modernidade, assim como a sua visão acerca do ressurgimento modificado dessa arte. Contudo, penso que a sua apresentação da retórica clássica como um modelo de educação canônico e sistemático é parcial e em última instância equivocada, pois embora tenha sido um anseio já presente nos sofistas e demais oradores gregos – no programa de educação cívica desenvolvida por Isócrates, por exemplo – tal paradigma só começa a se estruturar efetivamente na obra de Aristóteles, consolidando-se depois no longo período dos estoicos, de Cícero, de Dionísio de Halicarnasso e de Quintiliano. Nos primórdios da retórica grega, encontra-se apenas um uso bastante diversificado do discurso, um modo de racionalidade transdisciplinar que se esforça para adquirir as características de uma técnica e poder então ser

universalizado e ensinado. Sendo assim, apresentarei agora, de maneira breve, alguns aspectos da retórica grega que atestam como ela era também uma condição da experiência e da ação humanas e não uma simples disciplina, ou seja, como ela se aproxima muito mais da retoricidade do que da retórica, no sentido que os autores dão a esses dois termos.

O primeiro ponto a ser percebido para que meu argumento tenha validade – ponto que se deduz naturalmente das teses dos autores – consiste em notar que, em termos de conjuntura favorável à retórica, os gregos estão em posição muito parecida com a nossa. Como é óbvio, o momento histórico grego não pode apresentar nenhuma das condições que embargam a existência plena retórica, pois que do contrário ela não teria florescido entre eles. E, de fato, ele ainda não apresenta um racionalismo forte nem uma ciência padrão acabada; embora valorize as individualidades, não possui a concepção moderna de autor e de subjetividade; o seu paradigma de comunicação política não apenas pressupõe, como fomenta a prática retórica mais elaborada, emocional e aguerrida; a sua organização sócio-cultural orienta-se pela comunicação oral e imagética, sem dar primazia à escrita e à alfabetização; e, por fim, a sua língua e a sua consciência histórica, apesar de admitirem variantes, são refratárias à completa acentuação de nacionalismos e de outras particularidades. No momento em que a retórica grega vem a lume, vive-se uma conjuntura histórica que propicia ao discurso papel ubíquo e preponderante. A democracia de participação direta, que faz de todo cidadão adulto um orador em potencial, os processos judiciais fortemente centrados na argumentação, as recitações de poemas, os famosos concursos dramáticos, as heterias e *synomosiáí*, os contatos comerciais e as embaixadas são alguns dos epifenômenos de tal preponderância. O desenvolvimento de variados campos de pesquisa e de manifestações culturais é outro: a geografia, a história, a medicina, a filosofia, a astronomia são algumas das “ciências” que usam do discurso para florescer. E talvez o evento mais significativo disso tudo ainda seja o fato de a estátua da deusa Persuasão ter sido outrora colocada no centro de Atenas, numa clara demonstração do imenso prestígio que desfrutava entre aquele povo (*Pausânias*, I, 22, 3; KANE, 1986, p. 117). Antes de se tornar uma técnica maciça, portanto, a retórica grega era uma prática e uma experiência culturais que remontam à sociedade e ao ideal de educação homéricos, estando entranhada nos mais variados ambientes da ação humana (JAEGER, 2003, p. 340). Ela só começará a se tornar uma técnica restrita quando se erigir o racionalismo de Platão e de

Aristóteles, o qual será secundado por uma divisão das artes e das ciências que facilitará o enclausuramento disciplinar dessa capacidade antes generalizada.

O segundo ponto que é preciso perceber, e que assinala tanto a incompletude quanto o poder dessa arte, consiste nas reiteradas comparações da retórica com a medicina. Que significa que tantos pensadores gregos – Protágoras, Górgias, Isócrates, Platão, Aristóteles e Antífote⁵ – manifestem uma absoluta e intrigante concordância em relação a essa analogia? Segundo penso, tal *consensus sapientium* significa três coisas: a) uma indicação da natureza do efeito estético da retórica sobre os ouvintes; b) uma apologética com tons ideológicos de sua faceta “artística” ou técnica; b) e, por fim, uma constatação do tipo de método empregado por ela e da área do saber a que se aplica.

Em primeiro lugar, o uso estudado dos discursos assemelha-me à medicina porque, como ela, provoca uma reorientação nas pessoas que padecem (*patheîn*) a sua influência, ainda que aja sobre a sua alma e não sobre o seu corpo. Aquele que se submete à disposição emocional de um discurso sofrerá uma modificação necessária em sua alma, tal como aquele que se submete aos remédios da medicina há de sofrê-la em seu corpo (PLEBE, 1978, p. 43). A retórica apenas escamoteia sob palavras melífluas o poder e a compulsão de algo tão forte quanto uma droga ou um filtro mágico (*Elogio*, 12); no fundo, porém, ela é capaz de abalar os alicerces de toda a nossa constituição psíquica. Geralmente concebida como espécie de magia (*mageía*, *goeteía*), de ilusão estética (*apátê*) ou de filtro químico-venenoso (*phármakon*), ela tem por efeito uma experiência de passividade (*páthos*) que, no mínimo, conduz a alma dos ouvintes (*psicagôgia*) a uma modificação de julgamento (*krísis*) (*Ret.*, 1377b, 20-24), e no máximo a alucinações tácteis e visuais que, por exemplo, fazem com que coisas distantes maiores lhes pareçam (*dokéîn*) menores (*Fedr.*, 267a6-b5; *Menex.*, 234c235c5; *Elogio*, 8) e eventos longínquos e atemorizantes se apresentem em todo seu colorido, a ponto de desencadear diversas emoções e até mesmo lágrimas na plateia. A medicina cura um órgão doente com o auxílio de lenimentos ou cauterizações e provoca uma reorientação na disposição corporal do

⁵ Sobre a relação entre retórica-medicina e discurso-fármaco: *Cárm.*, 155e; *Fedr.*, 270b1-2; *Prot.*, 313c-314c; *Teet.*, 167a5; *Elogio*, 14; *Sobre a Paz*, 39; *Ret.*, 1355b12-14, 1356b28-35; *Memor.*, III, 11, 16-17; DHERBEY, 1986, pg. 106; DUHOT, 2004, p. 58; GUHTRIE, 1995, p. 159; NUSSBAUM, 2009, p. 82-83; ROMILLY, 2002, p.13-14; SLEŽÁK, 2005, p. 107.

convalescente; por sua vez, a retórica rearranja a estrutura psíquico-emocional (*homología, homónoia*) do ouvinte e a sua postura (*dóxa*) em relação a determinado tema, podendo deixá-lo alegre, triste, temeroso etc. A *téchnē alypiás* de Antifonte talvez seja o melhor exemplo desse fato, pois realiza como ninguém o conluio entre a medicina e a arte curadora da palavra, antecipando assim, consoante alguns intérpretes, certas teses fundamentais da Psicanálise (6A, DK)⁶; mas a ligação entre a palavra, a modificação psíquica, a medicina e a magia já está presente nas *Purificações* de Empédocles (*Laércio*, VIII, 58-9; B112, DK), não por acaso considerado um dos pais da retórica e professor de Górgias (A1, 57, DK).

Em segundo lugar – e eis aqui o que mais me interessa – essa analogia insinua que os pensadores gregos estavam a usar aquilo que figurava como a técnica/ciência mais sólida e desenvolvida do seu tempo com um duplo propósito: como um exemplo do que desejavam fazer na esfera do discurso e como uma maneira de afirmar a exequibilidade de seu projeto. Semelhante estratégia não é algo novo na filosofia antiga: o mesmo parece ter acontecido com o estabelecimento do conceito de “teoria” (cf. NIGHTINGALE, 2009; ENGLER, 2011b, p. 346), e algo muito similar acontecerá depois com o estabelecimento da arquitetura (WARDY, 1996, p. 48). Penso que essa comparação reiterada revela o anseio de universalizar e sistematizar – um anseio que é bastante comum naquele tempo (NUSSBAUM, 2009, p. 84; JAEGER, 2003, p. 349) – tudo o que se referia ao discurso e à persuasão, conferindo a tal empreendimento natureza similar à da medicina. Isso começou a ser feito no interior do “movimento sofista” – um dos momentos apicais em que os gregos tomaram consciência da linguagem – e recebeu descomunal impulso na obra de Platão e de Aristóteles, a ponto do último desenvolver a primeira linguagem formal da história. Assim, admitido o caráter indubitavelmente novo desse projeto, a comparação também serve como meio ideológico para que tal empreendimento seja apresentado ao público com interesses intelectuais e, mais do que isso, se mostre viável e “sensato”. Em certo sentido, a tentativa de fundar uma técnica que se

⁶ Para Dherbey, Antifonte percebe a dor psíquica nascida da severidade das leis e o conteúdo latente dos sonhos, que pode emergir através da interpretação dada pelo médico. O vínculo com a Psicanálise é claro (DHERBEY, 1986, p. 105). Para Ribeiro, a semelhança da arte de Antifonte com a Psicanálise não está tanto nos conceitos, mas antes no “efeito de elucidar pelas palavras as representações encerradas nas palavras; efeito da suspeita diante dos ídolos que se revezam na consciência do indivíduo que se descobre só, em meio a uma ordem secularizada, como no século V a.C e no século XX d. C.” (RIBEIRO, 2007-08, p. 20).

equipare à medicina, no século V a.C, equivale à tentativa de fundar uma psicologia que se baseie nas três leis de Newton, como se tentou fazer no século XVIII (cf. SILVER, 2003). Numa genealogia haurida de Polo e de Aristóteles (*Górg.*, 448c4-9; *Metaf.*, 981a5-7), pode-se pensar que antes da medicina a saúde estava entregue à inexperiência (*apeiria*) e ao acaso (*tche*), e as curas eram realizadas como que por milagre. Mas então vieram os médicos e enunciaram raciocínios gerais (*hypólepseis*) que sujeitaram tais processos ao poder humano e os tornaram ensináveis. Ora, os oradores queriam fazer exatamente o mesmo em relação ao discurso e à persuasão: antes deles os discursos eram feitos sem arte (*átechnos*) e alcançavam a persuasão por sorte ou por hábito; agora, porém, descobrir-se-iam princípios formais (*tópoi*, politropia, caracterologia) pelos quais os homens se tornariam senhores dessa enorme potência.

Por fim, a terceira razão para essa analogia, não menos importante do que as outras, reside no fato de que a retórica e a medicina partilham de um modo de raciocínio semelhante e de uma área de investigação refratária à completa sistematização, o que lhes confere o mesmo cariz falibilista, empírico ou indutivista que também é próprio das ciências humanas. Quanto ao método, ambas as técnicas interpretam signos e sintomas que dependem da sensibilidade ou das opiniões comumente aceitas (*éndoxa*); utilizam modos de raciocínio similares (exemplos, analogia, indução, observação) e retiram conclusões plausíveis de premissas apenas prováveis (*eikóta*), que dificilmente possuem o mesmo rigor dos fatos com que lidam as ciências naturais. Quanto à área de investigação, ambas estão sujeitas à indeterminação genérica ou disciplinar que é própria das coisas humanas, podendo fazer uso simultâneo de mais de um campo do saber quando isso se mostra necessário. A retórica pode se valer de conhecimentos descobertos pela política, pela poética e pela filosofia; e a medicina pode buscar na biologia, na psicologia, ou na química uma fundamentação para a sua prática. Nenhuma das duas artes, em suma, investiga apenas um gênero de entes, tal como aritmética (no vocabulário aristotélico) trata das variações da grandeza. Essas similaridades foram enfatizadas desde a Antiguidade até o tempo de Cabanis e, segundo Pender, continuam válidas até hoje (PENDER, 2005, p. 39; 49; 64).

Penso que, à parte sua significação estrita, esses três motivos para o uso da analogia retórica-medicina só são possíveis *porque ainda não existe tal técnica sistemática e canônica* (RIBEIRO, 2010, p. 72). Seria inútil tentar justificar para o público a natureza de algo que eles já conheciam; o que os pensadores gregos estavam fazendo era ilustrar a “silhueta” de uma novidade

intelectual através da comparação com algo de cuja importância e utilidade não se duvidava. Ainda no século IV Aristóteles se sente na obrigação de mostrar quão útil a retórica pode ser (*Ret.*, 1355a21), o que nos leva a imaginar com que suspeitas ela não foi recebida no início, mormente por parte de aristocratas que se viam diminuídos por hábeis oradores ou mesmo pelo povo, que atribuía a tais mestres da palavra a posse de uma terrível habilidade (*deinótes*). Se a retórica ainda não se solidificou num conjunto de conhecimentos acabados e etiquetados; se o seu efeito é algo tão poderoso a ponto de modificar visceralmente a condição psíquica dos ouvintes; e se a sua matéria é indeterminada e *eo ipso* universal, então, antes de ser uma disciplina rígida, ela deve ser concebida como uma potência (*d namis*) que perpassa a experiência humana de modo variado e talvez ubíquo, ramificando-se como uma hifa por debaixo dos múltiplos usos do discurso.

A análise textual que se segue deve nos convencer de que os gregos viam a retórica como algo onipresente e até natural, pelo menos até o momento da obra platônica e aristotélica, quando as ciências e as artes serão pela primeira vez separadas e as diversas funções do discurso forem estabelecidas. No começo disso, os sofistas e até os poetas notam a invencível onipotência do discurso e, enquanto seus portadores, enunciam algumas máximas quer sobre os efeitos do *lógos*, quer sobre a sua natureza ou forma de composição. Em Protágoras e em Górgias (primordialmente) já germina uma visão mais teórica ou metalinguística dessa capacidade humana, como se conclui do *Elogio de Helena* e das considerações protagóricas sobre a correção dos nomes ou sobre as antilogias. É somente em Platão, todavia, que tal desprendimento analítico em relação ao *lógos* se torna consciente e efetivo, devido à revolução espiritual perpetrada por sua filosofia; e somente em Aristóteles que recebe o acabamento final.

4 - Górgias: onipresença e onipotência da retórica

De tudo quanto se poderia dizer acerca da obra e da atuação de Górgias, gostaria de enfatizar apenas três características de seu pensamento – todas intimamente interconectadas entre si – que dão continuidade ao meu argumento inicial: a) a indeterminação genérica da retórica; b) a instanciação do discurso sobre o conhecimento/verdade, que parece ser a posição inovadora e radical de Górgias; c) e o emprego do discurso em contextos não-técnicos e desinstitucionalizados do dia-a-dia, que aponta para a sua

onipresença na condição humana. Embora não possa me estender aqui a ponto de comparar essas características com as ideias de Platão e de Aristóteles, estou certo de que a primeira e a última foram conservadas por eles, como sugere a leitura atenta do *Fedro* e da *Retórica*. Na ocasião oportuna assinalarei tais influências, pois elas servem como indício de que os filósofos antigos foram os primeiros intelectuais a compreender as posições de Górgias como frutos de uma “teoria do discurso”, teoria cuja existência, como discutido abaixo, é negada por certos intérpretes modernos. E uma vez reconhecidas, tais influências se prestam para que modifiquemos nossas interpretações da filosofia clássica e admitamos também os seus componentes retóricos (WARDY, 1996, p. 4; JACOB, 1996, p. 237).

A indeterminação genérica da retórica revela-se a partir do fato de que Górgias, de acordo com o testemunho platônico (*Mên.*, 95c), não se propunha a ensinar algum tema específico, mas tão-somente a capacidade de tornar os homens hábeis (*deinoús poiéîn*) no falar acerca de qualquer assunto. Uma arte/ciência determinada genericamente se limita a uma coleção de assuntos e ignora certos aspectos dos entes de que trata: a aritmética versa sobre as variações da grandeza, e no interior de tal gênero não há interesse imediato em digressões políticas ou estéticas. Não sendo assim determinada, para Górgias a retórica não se prendia a um setor ou gênero de entes, mesmo que certos temas fossem recorrentes em seu interior devido à conjuntura social em que ela acontecia⁷. Diz-se de Protágoras e de outros sofistas que ensinavam a virtude política (*aretê politikê*), termo esse que possui escopo mais preciso e se enquadra em determinado gênero, a despeito de sua enorme abrangência. Se tal fosse o caso de Górgias, poder-se-ia afirmar que ele não era capaz de discursar sobre algo que se relacionasse com a medicina, com a música, e coisas que tais, mantendo-se restrito ao horizonte investigativo de sua técnica. Contudo, acontece que ele *realmente* podia discorrer sobre cada uma dessas artes e, diante de homens cultos e perspicazes (Tucídides, Péricles, Crítias, Isócrates etc.), ainda se mostrar mais persuasivo e conhecedor do que aqueles expertos que verdadeiramente se dedicavam a elas. Noutras palavras, não lhe importava qual fosse o *Leitmotiv*

⁷ Para a conservação dessa postura em Platão e Aristóteles: *Fedr.*, 261b-e; *Ret.*, 1354a1-3; 1355b34; 1359b8-16. Tal posição também se evidencia, em Platão, na pergunta recorrente acerca potência (*dýnamis*) da retórica, que denota a dificuldade que Platão encontra de delimitar qual seria o objeto de ensino dos sofistas. Os três diálogos onde tal pergunta é levantada de modo mais evidente são o *Sofista* (217a; 233a1-9), o *Górgias* (447b9-c4) e o *Protágoras* (311b-313c). Contudo, ela pode ser encontrada travestida no *Mên.*, 95b-c e no *Eutid.*, 273c-e.

que usaria em seu discurso, mas sim a forma magistralmente técnica como este seria tecido⁸. Dessa postura nascia aquela arrogante confiança que lhe dava ares de onisciente e o tornava capaz de responder de improviso a qualquer pergunta que se lhe formulasse, uma assombrosa habilidade (*deinotês*) que lhe granjeou tantos e tão ilustres alunos em sua primeira embaixada a Atenas⁹.

Como se pode notar, tal visão da retórica já possui o pensamento embrionário de uma técnica, e os textos remanescentes, notadamente a *Defesa de Palamedes*, provam que Górgias dominava grande parte dos artifícios estilísticos e tópicos que Aristóteles elenca em seu tratado (GUTHRIE, 1995, p. 251). A sua comparação da retórica com a medicina também sugere o projeto de estabelecer uma técnica, como visto, e é sabido que ele chegou a escrever um manual (*Laércio*, VII, 58). Entretanto, é preciso perceber que tais fatos sugerem igualmente que isso ainda não havia acontecido, o que também pode ser corroborado pela inexistência do termo “retórica” em suas obras¹⁰. Apesar de haver encontrado padrões argumentativos e estilísticos e demais elementos necessários para a persuasão, adquirindo assim certo conhecimento formal da oratória, Górgias ainda a via como algo maleável e ubíquo, que se infiltrava em todos os espaços da

⁸ Aristóteles oferece outra explicação da abundância de inspiração de Górgias, afirmando que ele nunca ficava sem matéria porque sempre semeava elogios aqui e ali, criando, ao redor do argumento central, episódios que lhe permitiam falar quanto quisesse. *Ret.*, 1418a33-36. Sobre a diferença entre matéria e forma, Gomperz mostra que Górgias não tinha interesse objetivo (*sachlichen Interessen*) nos assuntos de que tratava, mas apenas retórico; os títulos de sua obra são uma evidência dessa falta de objetividade (*Unsachlichkeit*), isto é, de preocupação com o conteúdo; o sofista apenas se importava com o conteúdo quando este era importante para a forma (GOMPERZ, 1912, p. 35). Woodruff tem opinião semelhante: “Górgias alega ensinar apenas retórica e, se Platão tem razão a esse respeito, Górgias ensina a arte de falar em total abstração de qualquer assunto” (WOODRUFF, 2008, p. 386).

⁹ Frag. 1A, DK, onde Filóstrato conta que Górgias, em sua famosa embaixada, entrou no teatro dos Atenienses e ousou dizer: “Proponde-me algum tema!”, tendo sido o primeiro a arrogar-se tal capacidade, o que demonstrava que ele conhecia a tudo e que podia discorrer sobre qualquer coisa (*peri pantós*) no momento oportuno (*kairós*). Cícero já afirmava que, segundo Górgias, um orador deveria ser capaz de falar com propriedade (*optime*) sobre tudo (*omnibus rebus*) (Frag. 26a, DK). Sobre a admiração que Górgias causava e sua diferença em relação à admiração filosófica que origina a filosofia: 1A, 4A, DK; ENGLER, 2011.

¹⁰ Não há registros, antes de Platão, de vários termos importantes que denotam abordagem metadiscursiva da linguagem: *dialektikê*, *epideitikê*, *eristikê*, *antilogikê*. Isso parece sugerir que tais termos nasceram em sua obra, o que não exclui a existência de uma incipiente abordagem metadiscursiva da linguagem na obra de Górgias ou até de Protágoras, pois a ausência de substantivação abstrata não elimina o fenômeno concreto. COELHO, 2010, p. 29, n. 7; HAMM-SCHIAPPA, 2007, p.5-6; KENNEDY, 1994, p. 3; SCHIAPPA, 1991, p. 8. O mesmo se pode dizer quanto à palavra “método”: é provável que Platão a tenha cunhado – não há registros anteriores – o que não significa que “a coisa mesma” não fosse praticada antes dele nos círculos hipocráticos. ALTMAN, 2012, p.111.

experiência e do saber humanos. Nele ainda não há o aprisionamento da retórica em um campo específico, e outro sinal disso é o fato de Platão, ao retratá-lo no diálogo homônimo, fazer com que seja refutado por Sócrates justamente por ser incapaz de definir qual seja a força (*d namis*) de sua arte e o que ele professa ensinar (*Górg.*, 447b9-c4). De modo geral, toda a parte da argumentação desse diálogo que tem Sócrates e Górgias como interlocutores gira em torno da indeterminação genérica da retórica. O sofista busca oferecer um gênero de entes/assuntos a que a retórica se aplicaria no mínimo em duas ocasiões (*Górg.*, 453a6-7; 451d7-8), mas em ambas é refutado por Sócrates. A palavra “arte” assoma na fala de ambas as personagens, mas é preciso notar que é Sócrates quem a introduz como tema definidor da discussão (JACOB, 1996, p. 238). Se a incapacidade que Górgias apresenta de encontrar um campo específico para a sua arte mostra que, para Platão, a retórica é algo inútil ou empírico, mero simulacro que não possui o esplendor de uma técnica, ela indica também que a retórica ainda não estava enfeixada numa doutrina fixa, mas era antes uma capacidade geral do ser humano; era ainda, nos termos de Bender-Wellbery, retoricidade.

Tal indeterminação genérica incentiva a posição inovadora e radical de Górgias, que o leva a instanciar o discurso sobre o conjunto das artes e das ciências, conceitos esses que não se diferenciam em suas obras. De fato, ele só pode discorrer com autoridade e persuasão sobre as matérias mais diversas porque acredita que todas elas, ao fim e ao cabo, dependem do discurso. Essa parece ter sido a postura de outros sofistas que também realizavam a subsunção da ontologia na retórica, transformando o “ser” em “dizer” (CASSIN, 1990, p. 10; COELHO, 2010, p. 45). Ora, acaso não é precisamente isso o que Bender-Wellbery afirmam ser próprio da nossa época? Que exemplo maior de retoricidade do que este? Há duas maneiras de comprovar que essa era a posição de Górgias. Em primeiro lugar, no *Elogio de Helena* ele coloca a persuasão discursiva acima de todas as matérias, asseverando que ela pode dispor da alma do ouvinte a seu bel-prazer, sem se deixar limitar pela verdade.

Que a persuasão, unido-se ao discurso, também molda (*etypósato*) a alma da maneira que quer, é preciso saber, primeiro, pelos discursos dos meteorologistas, os quais, opinião/aparência contra opinião/aparência (*dóxa*), ora tendo suprimido uma, ora tendo produzido outra, fazem aparecer as coisas obscuras e inacreditáveis aos olhos da opinião;

segundo, pelos terríveis debates de discursos, nos quais um discurso agrada e persuade numerosa plebe (*óchlōn*) tendo sido escrito com arte (*téchnē*), mas não dito com verdade; terceiro, os combates de palavras dos que se interessam pelo saber (*philósophos*), nos quais é mostrada também a prontidão da inteligência, que faz mutável a crença na opinião (*Elogio*, 13, tradução modificada)¹¹.

Assim, as pessoas que discorrem sobre os astros oferecem ao público uma opinião/aparência que, confrontando-se com as crenças comuns, acaba por refutá-las, tornando visíveis objetos antes inacreditáveis e obscuros. Aqui o discurso literalmente traz à vida as coisas de que fala, por mais inacreditáveis e inverossímeis que elas pareçam ser à primeira vista. O mesmo ocorre nos debates em que o vencedor persuade o populacho não pela a verdade do que diz, mas pela arte que põe em seu dizer. Como se percebe tristemente ainda nos dias de hoje, muitos discursos verdadeiros acabam sendo preteridos por discursos falsos apenas porque estes se revestem de artifícios que influenciam o entendimento do ouvinte, ordinariamente com a criação de uma tonalidade afetiva propícia. E, por fim, isso se dá também nas disputas de todas aquelas pessoas que possuem interesse geral pelo saber – assim que se entende a palavra *philósophos* antes de Platão (SCHIAPPA, 1991, p. 7) – nos quais a prontidão da inteligência (*táchos gnómēs*), não a verdade ou o conhecimento, determina a aquiescência a uma opinião. Em todos esses casos a verdade e a matéria em jogo têm sua importância subordinada ao discurso em que figuram.

Em segundo lugar, essa posição de Górgias é evidenciada por Platão, ainda que se deva ter cautela em tomar tal testemunho, principalmente pelos termos e circunstâncias dramáticas em que é vazado. No interior da discussão sobre a indeterminação da retórica acima aludida, Platão leva Górgias a dizer que a retórica reúne sob si todas as outras artes e que o rétor pode discorrer sobre qualquer assunto que bem entender, sendo ainda mais persuasivo quando fala para as multidões¹². Conquanto o sofista recomende que a

¹¹ Wardy toma esta passagem para afirmar que Górgias não separa o discurso retórico dos demais: toda a família do *lógos* constitui a retórica. Mais à frente ele faz um comentário que também deixa antever a universalidade da condição retórica: "Scientists, speakers in the court and philosophers are alike puerveyors of persuasion; rhetoric is a global phenomenon" (WARDY, 1996, p. 41, 45).

¹² A mesma opinião no *Filebo* (58a7-b3).

retórica seja usada conforme a justiça, admite que o seu uso indevido é tão poderoso que poderia, por exemplo, levar o rétor a roubar a fama de um médico. Pouco antes disso, com efeito, ele dera um exemplo desse poder advindo da instanciação do discurso que também mencionava a medicina. Contou que muitas vezes foi com seu irmão e com outros médicos à casa de doentes que se recusavam a ingerir remédios ou a deixar-se amputar ou cauterizar. O convencimento que esses técnicos não conseguiam com seu conhecimento da matéria em questão era alcançado por Górgias exclusivamente através da retórica. E tão eficaz era tal convencimento que, se houvesse um debate para ver quem seria o médico de uma cidade, o orador poderia convencer toda a assembleia de que era o verdadeiro médico a ser escolhido¹³.

Sócrates: E por isso mesmo que tal fato me causa admiração, Górgias, é que há muito te venho perguntando sobre a natureza da retórica. Afigura-se-me algo sobre-humano, quando a considero sob esse prisma.

Górgias: Quanto mais se soubesses tudo, Sócrates: a retórica, por assim dizer, abrange o conjunto das artes (*hapásas tás d nameis*), que ela mantém sob sua autoridade. Vou apresentar-te uma prova eloqüente disso mesmo. Por várias vezes fui com meu irmão ou com outros médicos à casa de doentes que se recusavam a ingerir remédios ou a deixar-se amputar ou cauterizar; e, não conseguindo o médico persuadi-

¹³ No *Fedro* (267a7), Platão explica tal instanciação do discurso dizendo que Górgias e Tísias descobriram ser a verossimilhança/probabilidade mais importante do que a verdade, o que lhes permitia discorrer sobre todas as coisas, fazendo o pequeno parecer grande e vice-versa. Segundo Woodruff, Platão não compreende que a verossimilhança é o padrão argumentativo usado na ausência de sinais ou evidências explícitas, quando a verdade não pode entrar em jogo; ela não necessariamente vai contra esta. WOODRUFF, 2008, p. 372. A mesma opinião tem Spataras, para quem a probabilidade é empregada apenas em situações em que os fatos são incertos, como na *Defesa de Palamedes*, que é um caso de *status coniuncturalis* (*stásis stochasmoû*). Para ele, Platão sugere apenas um dos processos argumentativos usados por Górgias. SPATHARAS, 2001, 393-4; 398; 408. Cole usa essa noção de probabilidade para afirmar que a *Defesa* deve ter sido exercício didático dado aos alunos de Górgias, pois tamanha é a quantidade de provas aduzidas, que Palamedes deveria ter sido absolvido. COLE, 1986, p. 11. A afirmação pode ser verdadeira, com tal que não reduza a obra a isso, pois há todo um "gênero retórico" baseado na comparação de personagens mitológicos, e Palamedes era figura célebre entre estudantes de retórica e espectadores de tragédia no século V a.C; ou seja, havia outras razões para conhecê-lo (BARRET, 2001, p. 6; WOODFORD, 1994, p. 164.). De resto, no interior da própria *Defesa* antecipam-se duas razões pelas quais o herói acredita que será condenado: o fato de estar do lado da verdade, que gera mais perigos do que recursos, e o fato de ela não se revelar através do discurso (*Defesa*, 4, 35).

lo, eu o fazia com a ajuda exclusivamente da retórica. Digo mais: se na cidade que quiseses, um médico ou orador se apresentarem a uma assembleia do povo ou a qualquer outra reunião para argumentar qual dos dois deverá ser escolhido como médico, não contaria o médico com nenhuma probabilidade para ser eleito, vindo a sê-lo, se assim o desejasse, o que soubesse falar bem. E se a competição se desse com representantes de qualquer outra profissão (*démirougón*), conseguiria fazer-se eleger o orador de preferência a qualquer outro, pois não há assunto sobre o qual (*peri hótou*) ele não possa discorrer com maior força de persuasão diante do público do que qualquer profissional. Tal é a natureza e a força (*d namis*) da arte (*téchnes*) retórica! (*Górg.*, 456a4-c7).

A fala do sofista continua analisando as implicações morais do uso da retórica, uma ideia que antecipa a posição depois defendida por Aristóteles (*Ret.*, 1355b1-7); e mais uma vez ela insiste que o orador pode falar sobre qualquer coisa (*peri pantòs légein*) diante de quaisquer pessoas (*prós hápantas*), e isso de modo que sempre seja mais persuasivo que seus possíveis adversários (*Górg.*, 457a-c). Como dito no início, acredito que esta instanciação do discurso sobre o conhecimento/verdade pressuponha a ideia de uma retórica formal (*rhetorica docens*) capaz de descobrir certos argumentos (*tópoi*), modos de raciocínio (exemplo, analogia, antilogia, boneca russa etc.) e de estilo (defesa, encômio etc.; paralelismo, assonância etc.) que possuem aplicabilidade geral, não importa o assunto de que tratam. Alguns comentadores têm receio de atribuir tal concepção a Górgias, porque também teriam de admitir existência de uma “teoria retórica gorgiana”. Antes que passe para a última característica do pensamento de Górgias, convém comentar tal problema exegetico.

Com efeito, há pelo menos dois indícios que nos levam a crer que Górgias nunca teve algo como uma “teoria” da retórica. O primeiro deles é o fato de nem ao menos reunir seus conhecimentos sob um substantivo abstrato (*rhetoriké*), como a aguda consciência metalinguística exigirá de Platão. O segundo é o fato de que as inovações tão celebradas de seu estilo, que justificariam a existência de uma “teoria das figuras da linguagem”, ademais de já se encontrarem na poesia, podem ser vistas como epifenômenos da passagem da oralidade para a escrita, que por si só provocaria tamanha consciência e modificação da língua grega. O maior

exponente de tais teses é Thomas Cole, cuja interpretação evolucionista da história da retórica grega – resumida abaixo – foi e ainda é muito influente.

La *Retorica* di Aristotele – opera d’analisi che utilizza esempi raccolti dagli scritti altrui – è quindi l’ultimo passo in un processo d’evoluzione che s’inizia con l’*Elena* di Gorgia (esempi imitabile dell’arte d’un maestro) e ha, come stadi intermedi, prima l’*Elena* di Isocrate (esempio accompagnato da una breve analisi d’uno scritto altrui sullo stesso tema), e poi il *Fedro* di Platone (esempio [i due discorsi di Socrate] accompagnato non soltanto da un’analisi, ma anche dal testo stesso dello scritto [l’orazione di Lisia] che viene analizzato) (COLE, 1986, p. 20, n. 14).

Para Cole, o papel que Górgias desempenha na retórica grega consiste em haver criado discursos paradigmáticos e exaustivos que deviam ser imitados por seus discípulos. Assim, o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes* jamais teriam sido pronunciados publicamente, pois apenas apresentavam a forma geral de como se fazer um elogio ou uma apologia (COLE, 1986, p. 11). O uso abundante de certas figuras de linguagem (antítese, homoteleuto etc.) e de partículas conjuntivas também tinha fim eminentemente didático e não se destinava ao ouvido, mas sim aos olhos e à mente daqueles que aprendiam a concatenar suas ideias de maneira nova para a época (COLE, 1986, p. 11). Górgias não tinha nenhuma teoria do discurso, portanto, e isso só acontece no *Fedro* de Platão, quando os discursos paradigmáticos são seguidos de uma análise conceitual que atesta o surgimento de uma profunda consciência metalingüística, isto é, de uma reflexão sistemática que nos permite falar em “teoria”.

Concordo de modo geral com a tese de Cole e, aliás, isso fortalece meu argumento acerca da retoricidade, pois nega a existência de uma técnica acabada no período de Górgias. Contudo, penso que já em Górgias há reflexões metalingüísticas sobre o discurso, e não apenas no *Fedro*: o fato de ele não usar certos termos criados por Platão não assegura que ele não teorizasse sobre a linguagem, mas apenas que o fazia de modo mais “primitivo”, por assim dizer, já que tinha objetivos eminentemente práticos. A opinião de Cole de que as obras de Górgias eram meros exercícios (*meléta*) que talvez jamais foram encenados *coram populo* – opinião que, no que diz respeito ao exercício, conta com defensores célebres como Guthrie, Nestle,

Dodds, Diels e Kranz (GUTHRIE, 1995, p. 251; B14, DK) – parece correta quanto à forma de ensino, mas é exagerada quanto às apresentações públicas, cuja existência não pode ser negada (1A, DK; ROMILLY, 2002, p. 36). De resto, se Górgias não falava em público, presumivelmente os tessálios não teriam criado o verbo *gorgiázein* (35A, DK) para nomear a inaudita singularidade de seu estilo/dicção (*léxis*), e tal dicção nem seria assim tão singular, a ponto de merecer um nome próprio, se as figuras de linguagem que veiculava já existissem na poesia e Górgias não fosse o seu real inventor (4A, DK; COELHO, 2010, p. 32). Heinrich Gomperz foi quiçá o primeiro comentador a notar que o excuro incomparavelmente longo sobre o poder do discurso, no *Elogio de Helena*, revela que esse era um tema de investigação do sofista, ou seja, revela que tal escrito é mais do que simples exercício e possui também interesses teóricos, ainda que esses sempre se reduzam à sua utilização formal na retórica. Para Gomperz, é evidente que Górgias teria teorizado sobre temas patrióticos, éticos, e até físicos, quando isso era necessário para que falasse bem (GOMPERZ, 1912, p. 36-8). Posição semelhante foi defendida recentemente por Spatharas, ao mostrar que um dos modelos de argumentação de Górgias é a “teorização”, usada não apenas no excuro sobre o poder do *lógos*, que todos os comentadores referem, mas também na digressão sobre a visão (*ópsis*) e o amor (*érōs*) (*Elogio*, 15-16). A teorização serve para que o rétor habilmente apresente ao público conhecimentos objetivos que, do ponto de vista da persuasão, são eficazes à medida que produzem certo espanto intelectual (*éklexis*). Ademais, para Spatharas o excuro do *Elogio* faz de Górgias um dos primeiros teóricos da literatura (SPATHARAS, 2001, p. 402-3; WARDY, 1996, p. 23), o que também se deixa ver na sua consciência dos pólos sintagmático (*táxis*) e paradigmático (*léxis*) do discurso (BARTHES, 2001, p. 11). Por sua vez, Wardy notou que a fluidez intelectual do século V a.C não nos permite falar ainda de uma diferença entre retórica e filosofia – algo que só estabeleceu com Platão – e que a teoria e a prática autoconscientes da persuasão já começam nesse século, a despeito de somente atingirem seu cume no século IV a.C, desembocando num debate ramificado e não numa doutrina fixa (WARDY, 1996, pg. 2; 9). Até mesmo Schiappa, por fim, que com boas razões nega a existência de uma “retórica sofística” e de uma teoria explícita da retórica antes do século IV a. C, admite que talvez haja uma “teoria implícita” do discurso, mas ela não seria sofística, e sim gorgiana, por duas razões: primeira, porque “uma doutrina sofística” é uma ficção criada por Platão,

não havendo tal unidade doutrinal entre esses pensadores; e segunda, porque Górgias teria prestado uma contribuição original com sua teoria do *lógos* (SCHIAPPA, 1991, 8-1 DHERBEY, 1986, p. 100). Essa segunda razão é outra maneira de dizer que Górgias foi além da mera prática e chegou a formular alguns pensamentos teóricos sobre a retórica.

Desse intrincado debate é possível concluir Górgias já ensaia alguma teorização sobre o *lógos*, apesar de ainda não possuir conceber a retórica como doutrina fixa. Como dito no início, com ele os gregos atingem uma emergente consciência teórica da linguagem, simbolizada por suas reflexões sobre os modos do discurso, sobre o seu efeito, a sua forma de composição, a sua ligação com o conteúdo etc. Sem dúvida, trata-se de uma dos momentos apicais de tal consciência, pois Górgias reúne em seus escritos uma longa tradição que, por exemplo, já se pronunciara sobre o efeito mágico das palavras. Mas ele não está sozinho, e intelectuais como Protágoras, Pródico, Hípias e Licofrão também exemplificam o surgimento da consciência metalinguística grega¹⁴.

A última característica do pensamento de Górgias – o uso do discurso em contextos não-técnicos ou desinstitucionalizados – evidencia os dois fenômenos anteriormente explicados de modo ainda mais claro, e em parte já se deixa anunciar por eles. Afinal, se a retórica não possui nenhum domínio genérico específico, e se o discurso se sobreleva a todas as matérias de que trata, então ele terá por força de se fazer presente também nas situações aparentemente banais do cotidiano, e não apenas em um domínio restrito (tribunal, assembleia etc.)¹⁵. Há também duas formas de se notar este fato.

Em primeiro lugar, a natureza do discurso persuasivo garante que ele é uma das potencialidades básicas do ser humano, estando assim presente em todas as suas experiências¹⁶. Górgias oferece indicações dessa natureza ao discorrer sobre as paixões e sobre o enfeitiçamento retórico que está na base da persuasão. Quanto às paixões, mostra que elas dependem de uma experiência ou disposição psíquica (*páthos*) que pode ser alterada pelo discurso, justamente porque sempre acontecem na interdependência dele:

¹⁴ Comentando o que seria a supressão intencional do verbo “ser” em Licofrão e Alcidas, Dherbey escreve: “Os Sofistas, depois de Heráclito, caíram na conta de que a gramática não era neutra, que a maneira de dizer implicava a maneira de pensar” (DHERBEY, 1986, p. 53).

¹⁵ Para a conservação desta postura em Platão: *Fedr.*, 261b-e.

¹⁶ Creio que essa seja uma das influências de Górgias sobre Aristóteles, o qual atribui à retórica a mesma naturalidade da poesia e da ânsia de saber dos homens. Cf. *Ret.*, 1354a; *Metaf.*, 980a21-22; *Poét.*, 1448b, 4-9.

uma pessoa irada, por exemplo, pode ficar calma ao ouvir uma admoestação (Cf. *Ret.*, 1378a, 19-21; ENGLER, 2011, cap. 2). O *páthos* é acompanhado de uma *dóxa* e vice-versa. Assim, em todas as experiências humanas libadas de emotividade – acaso existe uma que não o seja? –, ocorre a atuação simultânea de um discurso que pode alterar o teor dessa experiência, fenômeno esse que me parece suficiente para afirmar que a retórica possui papel ubíquo em nossa vida. Entretanto, isso também é confirmado pelo grande poder de enfeitamento próprio do discurso, que não se restringe a experiências ou contextos determinados, mas é congênito à opinião/crença da nossa alma. A sua atuação é de tal modo marcante que, junto com outras coisas, é responsável por nossa estruturação psíquica (*táxis tês psychês*), contendo a mesma força que os remédios têm em relação ao corpo (*Elogio*, 14).

Em segundo lugar, o *Elogio de Helena* oferece outra ocasião em que a persuasão retórica provocada pelo discurso ocorre em um lugar do cotidiano e não em algum ambiente técnico ou institucional. Se Helena decidiu ir a Troia porque foi convencida por Páris, então cabe a pergunta: onde foi que ele lhe fez tal discurso? Na assembleia, no tribunal, num evento festivo? Isso seria necessário se o discurso persuasivo só pudesse acontecer no interior de tais instituições. Ou seria ao pé do seu ouvido, talvez num jardim ou num cômodo qualquer? Talvez Górgias nem pudesse ter formulado essa hipótese, se acreditasse que o poder da retórica não transpassa todas as nossas ações e atos de fala, os cotidianos inclusive. O mesmo se pode pensar em relação à persuasão privada que ele praticava com os pacientes de seu irmão. Acredito que se pode inferir do contexto dramático do *Elogio* e da atuação de Górgias que o efeito do discurso, este grande senhor capaz de realizar ações as mais divinas, é atuante em todos os lugares onde é utilizado, e não apenas no âmbito técnico da retórica (WA RDY, 1996, p. 37). Somente com Aristóteles a retórica passa a atuar de forma privilegiada no contexto jurídico, deliberativo e epidítico, perdendo sua utilidade em outros espaços; na época de Górgias toda a família do discurso ainda se encontra unida na mesa da retórica.

5 – Conclusão

Essas são as três características do pensamento de Górgias que queria enfatizar. Elas assinalam que, apesar de incipiente formalização que denota a existência de uma consciência metalinguística, a retórica ainda não havia se estabelecido como uma técnica que age dentro de um contexto específico,

sendo vista como uma potencialidade própria da condição humana que exercia seu efeito nos mais variados âmbitos, sem ao menos se subordinar ao conhecimento ou à verdade. Pelo menos no caso de Górgias, tais características destoam da apresentação da retórica clássica oferecida por Bender-Wellbery, pois, quando observada mais de perto, a sua retórica ainda não parece ser essa técnica acabada e restrita de que Bender-Wellbery falam; parece antes um modo de racionalidade complexo e quiçá universalmente utilizável (BERTI, 1998, p. 186-7; PENDER, 2005, p. 58). No tempo de Górgias, nem ao menos havia a distinção de três tipos de discursos ou a tripartição dos elementos persuasivos em *êthos*, *páthos* e *lógos* (RIBEIRO, 2010, p. 69); para alguns autores, até mesmo a existência das famosas *téchnai* no século V a. C é passível de dúvida (WARDY, 1996, p. 26).

No entanto, é possível perceber que os gregos vivenciam espécie de conflito a respeito dessa capacidade (*d namis*): ao mesmo tempo em que desejam aprisioná-la no interior de um corpo doutrinal sistemático – como estavam fazendo com outros campos do saber, principalmente com a medicina – são obrigados a admitir que, sob forma de discursividade, ela se infiltra visceralmente em todas as esferas da experiência humana. De Górgias a Aristóteles, passando por Platão, duas teses revelam que os gregos experimentaram a retoricidade de modo similar ao que temos em nosso tempo: a indeterminação genérica da retórica, que faz dela uma capacidade algo refratária à completa sistematização, e a sua aplicação a contextos não-técnicos do cotidiano, que exemplifica a sua onipresença e seu enorme poder. Embora não possa demonstrar aqui a veracidade dessa afirmação no que toca a Platão e Aristóteles, o leitor poderá usar das indicações que ofereci para que, na leitura do *Fedro* e da *Retórica*, certifique-se de seu acerto filológico. Não pretendo negar, assim, que já houvesse na Grécia certa tecnicização do discurso, como a possibilidade de seu ensino e os manuais comprovam; pretendo apenas alertar para o fato de que isso ainda não estava completamente feito e nem sempre era visto como algo possível, donde a necessidade de uma justificativa ideológica através da analogia com a medicina. Os gregos tentaram realizar esse anseio desde o tempo de Tísias e de Córax, mas ele só poderia ser levado a cabo, ainda que parcialmente, na filosofia de Aristóteles, pois pressupunha a separação entre as ciências/artes e a criação de um discurso imune aos artifícios retóricos. A tese de Bender-Wellbey estaria mais correta, portanto, se se restringisse a uma parte do tratado aristotélico.

Referências Bibliográficas

- ALTMAN, W. *Plato the teacher: the crisis of Republic*. Lanham: Lexington Books, 2012.
- ARENDT, H. *A Condição Humana*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ARISTÓTELES. *Ars Rhetorica*. (Org. Sir. W. D. Ross). London: Oxford University Press, 1975.
- _____. *Metafísica*. (Tradução do grego: Giovanni Reale, tradução do italiano: Marcelo Perine). São Paulo: Loyola, 1994, vol. II.
- _____. *Poética*. (trad. Eudoro de Souza). São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1987.
- BARRET, J. "Plato's Apology: Philosophy, Rhetoric, and the World of Myth". *Classical World*, 95 (2001), p. 3-30.
- BARTHES, R. *A aventura semiológica* (Trad. Mário Laranjeira). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BENDER, J.; WELLBERY, D. "Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica" (Trad. Ângela Melim). In: WELLBERY, D. *Neo-retórica e desconstrução*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 11-49.
- BERTI, E. *As razões de Aristóteles*. São Paulo, Loyola, 1998.
- BOOTH, W. C. "The revival of rhetoric". *PMLA*, Vol. 80, n. 2 (1965), p. 8-12.
- CASSIN, B. *Ensaio Sofísticos*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1990.
- COELHO, M. C. M. N. "Retórica, filosofia e lógica: verdade como construção discursiva em Górgias". In: ASSUNÇÃO, T; FLORES-JÚNIOR, O.; MARTINHO, M. (orgs.). *Ensaio de retórica antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 27-57.
- COLE, T. "Le origini della retorica". *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, New Series, Vol. 23, n. 2 (1986), p. 7-21.
- DERBET, G. *Os sofistas*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- DIELS-KRANZ. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Weidmann, 1989.
- DUHOT, J.J. *Sócrates ou o despertar da consciência*. São Paulo: Loyola, 2004.
- ENGLER, M. R. *Tò thaumázein: a experiência de maravilhamento e o princípio psíquico da filosofia em Platão*. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2011.
- _____. "Spectacles of truth in classical Greek philosophy" (Andrea W. Nightingale). Resenha crítica. *HYPNOS*, n. 27 (2011b), p. 346-351.

- GARVER, Eugene. "Aristotle's Rhetoric as a work of philosophy". *Philosophy & Rhetoric*, Vol. 19, n. 1 (1986), p. 1-22.
- ORTEGA Y GASSET, J. *O que é a filosofia?* Lisboa: Edições Cotovia, 1994.
- GOMPERZ, Heinrich. *Sophistik und Rhetorik. Das Bildungsideal des eu legein in seinem Verhältnis zur Philosophie des V. Jahrhunderts.* Leipzig/Berlin: B. G. Teubner, 1912.
- GÓRGIAS. *Elogio de Helena* (Tradução: Maria C. de Miranda N. Coelho). São Paulo: Cadernos de Tradução, n. 4, DF/USP, 1999.
- GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas.* São Paulo: Paulus, 1995
- HAMM, J.; SCHIAPPA, E. "Rhetorical questions. In: WORTHINGTON, I. (ed.). *A companion to Greek rhetoric.* London: Blackwell Publishing House Ltd, 2007, p. 3-16.
- HASKINS, E. "Endoxa, epistemological optimism, and Aristotle's rhetorical project". *Philosophy & Rhetoric*, Vol. 37, n. 1 (2004), p. 1-20.
- HUME, D. *Da eloquência* (Trad. João P. Monteiro e Armando M. D'Oliveira). In: HUME, D. *Hume.* São Paulo: Nova cultural (Os pensadores), 1999, p. 315-324.
- ISÓCRATES. *Sobre a Paz* (Tradução: Jaime Bruna). IN: BRUNA, J. *Eloquência Grega e Latina.* Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- JACOB, B. E. "What if Aristotle took the sophists seriously? New readings in Aristotle's Rhetoric". *Rhetoric Review*, Vol. 14, n. 2, (1996), p. 237-253.
- KANE, Fancis I. "Peitho and the polis". *Philosophy & Rhetoric*, Vol. 19, n. 2 (1986), p. 99-124.
- KANT, I. *An answer to the question: what is enlightenment?* (Trans. H. B. NISBET). In: REISS, H. (ed.) *Kant's Political Writings.* Cambridge: Cambridge University Press: 1977, p. 54-60.
- KENNEDY, G. *A new history of calssical rhetoric.* New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- LESKY, A. *História da literatura grega.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- LAÉRCIO, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (Trad. Mário G. Kury). Brasília: Editora UNB, 1988.
- NIETZSCHE, F. W. *Jenseits von Gut und Böse.* In: *Sämtliche Werke.* München: Gruyter, 1999, vol. 5.
- NIGHTINGALE, A. W. *Spectacles of truth in classical Greek philosophy. Theoria in its cultural context.* New York: Cambridge University Press, 2009.

NUSSBAUM, M. *A fragilidade da bondade. Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega* (Tradução: Ana Aguiar Cotrim). São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OLBRECHTS-TYTECA, L.; PERELMAN, C. *Tratado da argumentação. A nova retórica* (Trad. Maria E. Galvão). São Paulo: Martins Fontes: 2002.

PAUSANIAS. *Description of Greece* (I&II) (Transl. W. H. S. JONES). London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam's Sons, 1918.

PENDER, St. "Between rhetoric and medicine". *Early Science and Medicine*. Vol. 10, n. 1 (2005), p. 36-64.

PERELMAN, C. "Rhetoric and Politics". *Philosophy & Rhetoric*, Vol. 17, n. 3 (1984), p. 129-134.

PLATÃO. *Platonis Opera*. Tomus I (org. E. A. Duke et alli). New York: Oxford University Press, 1995.

_____. *Platonis Opera*. Tomus II (org. John Burnet). New York: Oxford University Press, First Published 1901.

_____. *Platonis Opera*. Tomus III (org. John Burnet). New York: Oxford University Press, First Published 1903.

_____. *Platonis Opera*. Tomus IV (org. John Burnet). New York: Oxford University Press, First Published 1902.

_____. *Cármides* (Trad.: Francisco de P. Saramanch). In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1990.

_____. *Eutidemo* (Tradução: Maura Iglésias). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2011.

_____. *Fedro* (Trad.: Carlos Alberto Nunes) 2.ed. Belém: EDUFPA, 2007.

_____. *Górgias* (Trad.: Carlos Alberto Nunes) 2.ed. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. *Íon* (Trad.: Francisco de P. Saramanch). In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1990.

_____. *Menexeno* (Trad.: Francisco de P. Saramanch). In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1990.

_____. *Mênon* (Trad.: Maura Iglésias). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2001.

_____. *Parmênides e Filebo* (Trad.: Carlos A. Nunes. Belém). Belém: EDUFPA, 1988.

_____. *Protágoras* (Trad.: Carlos Alberto Nunes). Belém: EDUFPA, 1980.

_____. *Teeteto e Crátilo* (Trad.: Carlos A. Nunes). Belém: UFPA, 1988.

PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*. São Paulo: E. P. U e Edusp, 1978.

- RIBEIRO, L. F. B. “Sobre a t echne alyp ias de Antifonte”. *Kl eos*, Vol.11-12, n. 11-12 (2007-08), p. 9-22.
- RIBEIRO, A. M. “A verdade como ordenação do lógos no pro emio do Elogio de Helena”. In: ASSUN A O, T.; FLORES-JÚNIOR, O.; MARTINHO, M. (org.). *Ensaio de retórica antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 57-77.
- ROMILLY, Jacqueline de. *The great sophists in the Periclean Athens*. Translation by Janet Loyd. Oxford University Press, 2002.
- SCHIAPPA, Edward. *Sophistic rhetoric: Oasis or mirage?* Rethoric Review, Vol. 10, n. 1 (Autumn, 1991), p. 5-18.
- SILVER, Brian. *A escalada da ciência*. Florian polis: EdUfsc, 2003.
- SLEZ AK, T. A. *Ler Platão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- SPATHARAS, D. G. “Patterns of argumentation in Gorgias”. *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 54, Fasc. 4, (2001), p. 393-408.
- WARDY, R. *The birth of rhetoric: Gorgias, Plato and their successors*. London & New York: Routledge, 1996.
- WOODFORD, S. “Palamedes seeks revenge”. *The Journal of Hellenistic Studies*, Vol. 114 (1994), p. 164-69.
- WOODRUFF, P. “Retórica e relativismo: Protágoras e Górgias”. In: LONG, A. A (org.). *Os primórdios da filosofia grega*. São Paulo: Idéias e Letras, 2008, p. 365-388
- XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates* (Tradução: Líbero Rangel de Andrade, através da versão francesa de Eugene Talbot). In: PESSANHA, J. A. M (org.). *Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural (Os pensadores), 1979.

E-MAIL: reusengler@gmail.com

RECEBIDO: Setembro/2012
APROVADO: Novembro/2012